

7.2.2. IOGA COMO CIÊNCIA

O mundo fenomenal se apresenta, se invertemos a nossa contemplação, como o mundo da mente. O ocidente não alcançou grandes êxitos nessa inversão, e seguiremos o método do ioga para descrever essa cena. O mundo da mente se apresenta como conjunto de pensamentos, de imaginações, de desejos e de impulsos. Os ioguin da antigüidade já tinham descoberto que esses fenômenos são ilusórios e enganadores. Já no tempo dos vedas procuravam os pensadores hindus penetrar a camada ilusória da mente que esses fenômenos formam. Descobriram uma estrutura que informa esses fenômenos, uma estrutura muito semelhante à das nossas leis da natureza. Chamaram-na de “karma”. Mas o paralelo não deve ser exagerado. As nossas leis tiveram aspecto ético apenas no estágio da magia. A ciência relegou esse aspecto da lei para o campo da teologia, e temos, no Ocidente, duas disciplinas distintas: ciência e teologia. Na Índia a divisão nunca foi feita. “Karma” é uma estrutura de leis a um tempo éticas e lógicas, e o ioga é a um tempo paralelo com a nossa ciência e teologia. Mas isto não o torna disciplina “primitiva”. É um método tão rigoroso quanto o nosso. O nosso método científico prepara-se para transformar as leis lógicas em estéticas, e desemboca portanto no misticismo. O ioga chega ao mesmo resultado sem ter eliminado, previamente, o aspecto ético da sua disciplina. É esta a razão do aparente primitivismo do ioga, mas também da sua aparente progressividade. Os juízos que os ioguin formulam se apresentam, para nós, simultaneamente como gaguejar bárbaro e balbuciar profético, e será necessário traduzi-los para a nossa linguagem civilizada, a fim de torná-los compreensíveis.

7.2.2.1, Se a vontade autoconsciente se vira contra a mente para elucidá-la, penetra camadas de ilusão sucessivas. Compreende a vontade, em primeiro lugar, a ilusão da relação entre mente e

“corpo”. O “corpo” não passa de camada superior e inteiramente fictícia da mente, e a mente troca de corpo de acordo com as regras do *karma*, como o corpo troca de trajes. A segunda ilusão que é superada é aquela que diz respeito à individualidade da mente. A vontade descobre que a mente não passa de órgão superficial da grande roda mental que é o fundamento de todas as mentes. A mente individual é apenas uma manifestação passageira dessa roda fundamental, surgiu dela para dissolver-se nela. É ela apenas um fenômeno provocado pela rotação dessa roda, e essa rotação é regida pelas leis do *karma*. O “princípio da individuação”, que é um aspecto de *karma*, traz à tona da roda mental a ilusão das mentes individuais, e a ilusão da contínua reencarnação dessas mentes, da contínua troca de corpos. Mas essa própria roda da mente, *samsara*, não passa de ilusão, e isto é a terceira descoberta da vontade. Toda essa roda gigantesca, que une todas as mentes aparentemente individuais das plantas, dos animais, dos homens, e dos deuses, não passa de turbilhão ilusório que surgiu na vontade criadora. Não passa de manifestação “poética” da vontade criadora, do *atman*. Nisto o ioga se aproxima muito do pensamento atual do Ocidente. Como quarta ilusão é superada a diferenciação entre mente e natureza. São os dois aspectos de “atman”. Os fenômenos da natureza, da qual o “corpo” é parte, são apenas camadas superficiais da mente, e estão sendo continuamente produzidos e reabsorvidos pela mente de acordo com as regras do *karma*. É portanto equivalente a expressão “reencarnação da mente” a “reimpsiquização do corpo” para descrever-se a rotação da roda. Aliás a distinção entre mente e natureza não é rigorosa, e podem ser descobertos estágios intermediários, como corpos astrais, espectros e deuses. Isto prova não somente a ilusão da distinção, como também a ilusão de todos os fenômenos da mente e da natureza. A última ilusão que é penetrada pela vontade em seu esforço elucidativo é a ilusão do diabo e de Deus, do “Brahman”. O Brahman, esse aparente fundamento do *atman*, não passa de projeção do *atman* e é idêntico a este. Tudo é vontade criadora. É verdade, que essa última conclusão não é admitida, via de regra,

pelos ioguin. Continuam em sua maioria a render homenagem ao *Brahman*. Mas a própria estrutura da disciplina do ioga prova ser ela totalmente dedicada à luta contra o *Brahman*, e que sua meta é a superação do *Brahman*.

7.2.2.2. No instante no qual a vontade elucidativa, a vontade virada contra si mesma, se reconhece a si mesma no fundo de todas as aparências, se se reconhece a si mesma no *atman*, a cadeia do *karma* fica rompida. O véu da ilusão, *maia*, do qual fazem parte natureza e mente, fica rasgado, e nada resta a não ser *atman*. O mundo inteiro, natureza e mente, não passam de criações de *atman*, de sonhos de *atman*, e as algemas do destino, *karma*, lhe foram impostas pelo próprio *atman*. *Karma* não passa de uma teia estética tecida pela vontade criadora para realizar seu sonho. "We are such stuff as dreams are made on". O resultado do ioga é idêntico ao resultado do qual as ciências ocidentais estão se aproximando.

7.2.2.3. Esta é pois a situação que se apresenta à vontade autoconsciente: natureza e mente são obras de arte da vontade criadora. São canto de louvor à vontade, monólogo musical do *atman*. O que mantém o mundo, o que lhe dá estrutura, é a ordem harmônica do *karma*, que é uma ordem musical e gramatical, a ordem da língua. O mundo é monólogo e canto, um monólogo e canto sem significado. O mundo é canção sem palavras. O mundo foi criado pela vontade como pura beleza sem utilidade. A beleza matemática e musical da estrutura do mundo é prova existencial da vontade criadora. A vontade autoconsciente goza o mundo como beleza. A mente presa da ilusão, e que não se reconhece a si mesma no mundo, sofre no mundo, porque os aspectos éticos e lógicos do mundo a oprimem. Esse sofrimento é superado pelo auto-reconhecimento, e tudo se transforma em puro ser da pura beleza. Os fenômenos regidos por leis causais passam a ser compreendidos como articulações perfeitas e harmoniosas da nossa vontade. As áreas do acaso passam a ser compreendidas como campos de atividade da nossa vontade. É como se o mundo dos fenômenos fosse uma tela na qual estavam pintando. Os

fenômenos regidos por leis causais são as partes da tela que já estão cobertas com o óleo da nossa atividade criadora. Os acontecimentos ao acaso são as partes nas quais estamos aplicando o pincel da nossa atividade criadora. O projeto do quadro está dentro de nós e nós o projetamos sobre a tela. O acaso no mundo dos fenômenos é o ponto no qual a nossa vontade se realiza. É a ponta do nosso pincel que aplicamos contra o mundo. Já foi dito que “acaso” e “milagre” são sinônimos, e que procuram articular o momento criador no mundo. O acaso é o milagre pelo qual a nossa vontade se realiza. É a ponte pela qual o projeto da nossa vontade se transfere para o mundo. Assim tornaram-se lei e acaso os dois aspectos da nossa vontade, que é a nossa liberdade. Lei é nossa vontade realizada, acaso é nossa vontade em ação, e ambos são os dois aspectos da nossa liberdade. As cadeias do *Karma*, as cadeias do destino, as cadeias da ilusão, estão finalmente quebradas. Somos soberanos.

7.2.2.4. A estrutura do mundo não nos parece ser insignificativa, se ainda persistimos na ilusão desse mundo. Nessa ilusão reconhecemos, ou cremos reconhecer, valores. E reconhecemos, ou cremos reconhecer, conhecimentos. Mas no estágio soberbo do auto-reconhecimento verificamos, extasiados, que o mundo é isento de valores e de conhecimento. Nada tem valor no mundo, e nada pode ser conhecido, a não ser a nossa vontade. O critério a ser aplicado ao mundo é puramente formal, é o critério estético da consistência interna. A insistência kantiana sobre juízos sintéticos a priori está superada nesse nosso ato de auto-reconhecimento. O mundo é produto de nossos juízos que são organizados pelas regras da nossa vontade. São juízos sem significado. São todos sintéticos, e são todos a priori. São, com efeito, todos juízos matemáticos ou musicais, o que é equivalente. As leis são articulações de si mesmas. São puramente formais essas leis, e não têm aspectos nem éticos nem epistemológicos, não valorizam nem procuram conhecimento.

7.2.2.5. Mas no extremo da ilusão essas leis adquirem contextos éticos e de conhecimento. Nesse extremo surge a ilusão do Bem e da Verdade. A vontade criadora fez surgir essas ilusões, para dar

significado ao mundo por ela criado. Fez surgir a ilusão do Bem e do Mal, e a ilusão da Verdade e da Mentira, para tornar consistente o mundo ilusório por ela criado. Criou assim, a ilusão de um propósito no mundo. Essa ilusão faz com que seja perfeita a obra da vontade. Engana perfeitamente. Seis dias criou a vontade a natureza e a mente, e no sexto dia criou ela, para coroar a sua obra, a ilusão do Bem e do Mal, da Verdade e da Mentira. A vontade criadora criou no sexto dia Deus e o diabo. Fê-lo para poder descansar no sétimo dia. Porque agora estava o mundo perfeito. Deus e o diabo lhe deram aparência de objetividade. Deus e o diabo funcionam para manter o mundo em aparente independência da vontade. Deus e o diabo regem o mundo como procuradores da vontade. São os dois subtítulos da criação, os dois elementos auxiliares da vontade. Não tivesse a vontade criado Deus e o diabo, o mundo demonstraria, de maneira óbvia, a sua falta de significado. Seria um mundo obviamente absurdo, um mundo obviamente dependente da vontade. Tendo projetado sobre o mundo Deus e o diabo, a vontade mascarou perfeitamente a obscuridade e a subjetividade do mundo. Graças a Deus e ao diabo o mundo consegue enganar a mente, e divertir portanto a vontade criadora. Sem Deus e sem o diabo seria o mundo uma representação tediosa. Seria obviamente um *idem per idem*. Graças a Deus e ao diabo a vontade pode divertir-se no mundo. Deus e o diabo são os palhaços principais criados pela vontade para dar atração à representação que é o mundo. Deus e o diabo são as projeções da vontade, a vontade os criou à sua semelhança.

7.2.2.6. A vontade autoconsciente sabe que Deus e o diabo são criações suas. Mas sabe que são criações úteis. A frase nietzschiana (cujo pensamento estamos seguindo neste capítulo, embora de maneira um tanto independente), a frase “Deus morreu” deve ser compreendida neste contexto. Morreu Deus, porque o matamos ao termos adquirido autoconsciência de nós mesmos. Mas pode ser ressuscitado ao menor movimento do nosso dedo. E ressuscitando Deus, teremos ressuscitado, automaticamente, o diabo. É o diabo a contrapartida de Deus, uma contrapartida

necessária para a manutenção do equilíbrio estético da representação que estamos montando. Assim continuarão funcionando essas duas obras-primas da nossa vontade a nosso pleno contento. Divertirão a vontade sem causar-lhe embaraço. Ao menor sinal de incômodo poderão ser abolidos Deus e o diabo, para serem reinstalados, quando a representação do mundo o exige.

7.2.2.7. A vontade autoconsciente é todo-poderosa. Tudo ao seu redor foi criado por ela e está sujeito aos seus mandamentos. Tudo em seu redor é pura música, pura matemática, pura beleza. Os véus da ilusão foram penetrados e tornaram-se transparentes. Poderão ser doravantes utilizados conscientemente para criar a vivência da beleza. E nisso reside o projeto da vontade. Criar e usufruir beleza. A vontade autoconsciente existe no paraíso da beleza. É o paraíso do eterno tecer de beleza. O eterno retorno do sempre idêntico como vontade para o poder, como diria Nietzsche. Será paraíso o que acabamos de esboçar, e será libertação a liberdade da vontade que acabamos de desenhar, ou será outra coisa inteiramente diferente?